CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA
中国-巴西企业家委员会

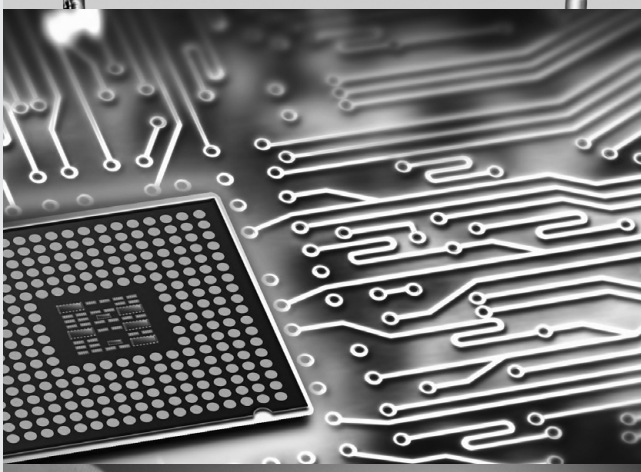
INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL
2014-2015

APOIO:

中国贸促会驻巴西代表处
CCPIT Representative Office in Brazil

SOBRE A PUBLICAÇÃO

Buscando oferecer um esclarecimento sobre o panorama dos investimentos chineses no Brasil nos anos de 2014-1015, o objetivo desta publicação é fornecer uma visão geral de tais movimentações para o meio empresarial, órgãos de governo e analistas. As fontes e informações aqui divulgadas foram selecionadas e apuradas pelo levantamento do CEBC, tendo como base notícias veiculadas na imprensa durante esse período.



INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL
2014–2015

NOVEMBRO / 2016

CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA

PRESIDENTE

Embaixador Luiz Augusto de Castro Neves

ELABORAÇÃO

Santiago Bustelo, *Coordenador de Pesquisa*
Tulio Cariello, *Analista Internacional*
Gabriel Fragoso, *Estagiário*

COORDENAÇÃO GERAL

Roberto Fendt, *Secretário Executivo*

DIRETORA DE ECONOMIA

Fabiana D'Atri *(Bradesco)*

EQUIPE TÉCNICA

Denise Dewing, *Analista de Eventos*
Jordana Gonçalves, *Analista Financeiro*

AGRADECEMOS A COLABORAÇÃO DE:

Janaína Camara da Silveira *(Radar China)*
Larissa Wachholz *(Vallya)*

TRADUÇÃO

Lianwen Traduções

SUMÁRIO

06 DESTAQUES DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (2014-2015)

07 AQUISIÇÕES CHINESAS TÊM SE DADO EM ESCALA GLOBAL, O QUE DEVE AUMENTAR A PRESENÇA DO PAÍS EM IMPORTANTES CADEIAS PRODUTIVAS

13 TRAJETÓRIA RECENTE DOS INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL

15 ANÁLISE GERAL: INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL ENTRE 2014-2015

18 DISTRIBUIÇÃO SETORIAL

21 DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

22 DESCRIÇÃO DOS INVESTIMENTOS ANUNCIADOS

30 TABELA: INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL (2014-2015)

GRÁFICOS

Gráfico 1 - Fluxo de Investimentos feito pela China e por Hong Kong no mundo 8
Gráfico 2 - China: investimentos feitos no exterior e recebidos 9
Gráfico 3 - China: investimentos recebidos e feitos no exterior 9
Gráfico 4 - Maiores receptores de investimentos da China 9
Gráfico 5 - Aquisições por empresas chinesas 11
Gráfico 6 - Projetos de investimento chinês no Brasil – 2014-2015 15
Gráfico 7 - Evolução dos projetos de investimento chinês no Brasil – 2007-2015 16
Gráfico 8 - Investimento chinês no Brasil por tipo de empresa – 2007-2015 17
Gráfico 9 - Distribuição setorial de projetos em 2014 (número de projetos) 18
Gráfico 10 - Distribuição setorial de projetos em 2015 (número de projetos) 18
Gráfico 11 - Distribuição setorial de projetos em 2014 e 2015 (US$) 19
Gráfico 12 - Distribuição geográfica dos projetos anunciados em 2014 e 2015 21

Destaques dos investimentos chineses no Brasil (2014-2015)

Elaboração: CEBC

Aquisições chinesas têm se dado em escala global, o que deve aumentar a presença do país em importantes cadeias produtivas

Fabiana D'Atri

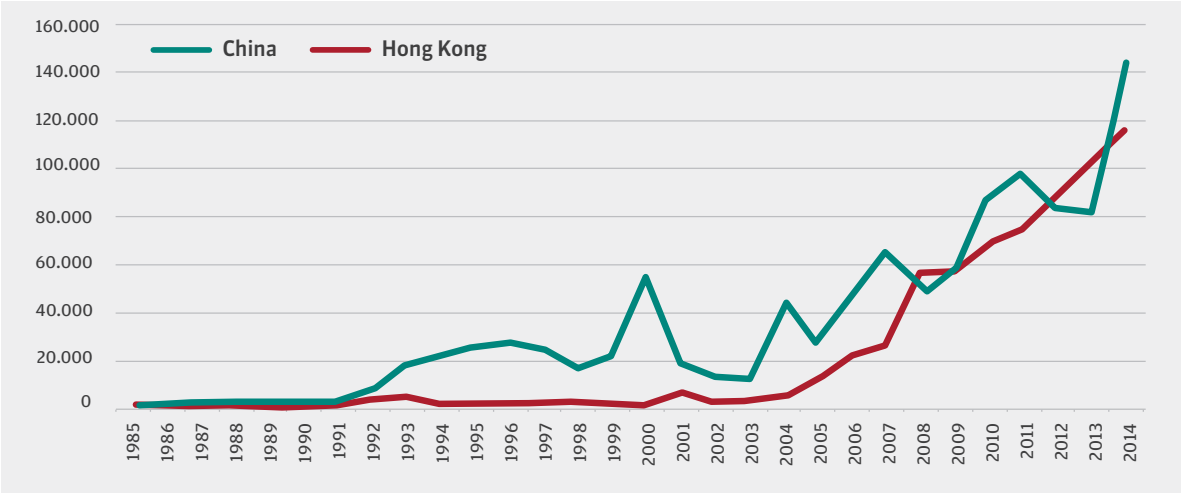
A forte e rápida desaceleração da economia chinesa, a saída expressiva de capital do país e a necessidade de ajuste de capacidade produtiva em diversos setores chamam atenção e trazem preocupações aos mercados mundiais. Ao mesmo tempo, um tanto quanto silenciosamente, destacam-se também as aquisições feitas por empresas chinesas em escala global e de volumes significativos. Acentuando a tendência da última década, corporações de origem chinesa – estatais e privadas – têm anunciado compras dos mais diversos negócios, inclusive de importantes multinacionais, em busca de novos mercados, aquisição de tecnologia, ampliação da influência econômico e social, além da aquisição de recursos.

Somente em 2015, segundo levantamento do Rhodium Group[1], as operações de compras feitas por empresas chinesas ultrapassaram US$ 60 bilhões, o nível mais alto da história. Somente neste ano, segundo a Dealogic, 144 intenções de compras e aquisições já foram anunciadas, somando US$ 88 bilhões[2]. Assim, a internacionalização de grupos chineses – através de compras, empréstimos, aportes em *startups* ou abertura da filial de suas empresas – tem características diversificadas que consolidam o país como um novo *player* em importantes cadeias, como as de infraestrutura, financeira, do agronegócio e alimentícia, de tecnologia e de entretenimento. E, mais do que aportes ou aquisições de empresas com representatividade local, os mais recentes anúncios fazem com que a China ganhe escala global em negócios, com a participação em grandes empresas multinacionais. O Brasil, naturalmente, faz parte dessa nova fase de investimentos chineses – seja por estar incluído em operações de grandes multinacionais, seja pelas nossas características, dadas pelas atuais circunstâncias do País, pelas oportunidades de investimentos, especialmente em infraestrutura, e pelo atrativo vindo da oferta de recursos naturais, atualmente concentrado em alimentos.

Os chineses começaram a investir no exterior ao final da década de 70, estimulados pela política de portas abertas. No entanto, o impulso maior veio em 1992 com Deng Xiaoping e com a estratégia *Go Global* iniciada em 1999. O volume atual, contudo, diverge bastante do que observamos nesses anos anteriores. Enquanto o país representava 0,2% do volume investido no exterior em 1999, subiu para 5% em 2009 e hoje chega a 8%, segundo levantamento da Unctad, com a última atualização feita em 2014. Assim, atualmente ocupa o terceiro lugar no ranking global de maiores investidores, atrás somente dos EUA e de Hong Kong, seguida de Japão e Alemanha. Aliás, se somarmos o volume de investimentos feitos pela China continental com Hong Kong, chegamos a uma participação de 18% do total mundial, em 2014.

1 http://rhg.com/notes/chinas-global-outbound-ma-in-2015, consultado em 28 de março de 2016.
2 Vale dizer que para essa consultoria, no ano passado, ocorreram 607 transações, somando US$ 112,5 bilhões. http://www.businessinsider.co.id/china-is-buying-a-lot-of-foreign-companies-2016-2, consultado em 29 de março de 2016. Parte da diferença entre os monitoramentos pode se dar pela diferença entre anúncios e negócios finalizados.

GRÁFICO 1 - **Fluxo de Investimentos feito pela China e por Hong Kong no mundo, US$ milhões**

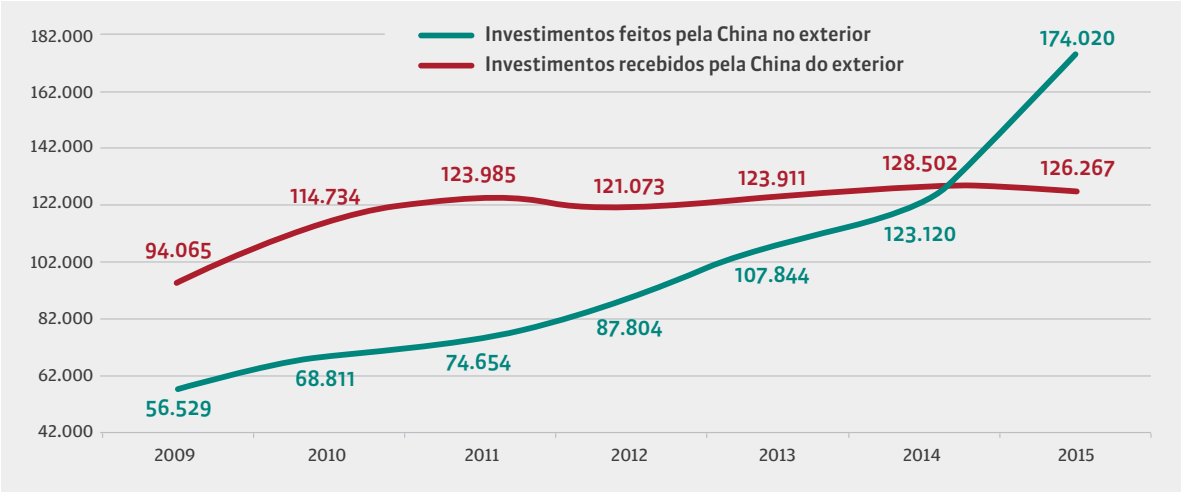


Fonte: Unctad

É notável o aumento dos investimentos chineses, não só em número de operações, como também o valor e a abrangência dos negócios, crescendo o movimento de compras de empresas além dos investimentos em *greenfield*. Somando-se às estatísticas da Unctad já mencionadas e ao monitoramento de anúncios de investimentos divulgados na imprensa, temos duas referências oficiais. São os dados fornecidos (i) pelo Ministério de Comércio (MOFCOM), com dados de recebimento de investimento estrangeiro e de investimentos feitos pelos chineses no exterior, e (ii) pelo Balanço de Pagamentos, com registros na conta financeira. Segundo o MOFCOM, pela primeira vez em 2015, o país investiu mais no exterior do que recebeu aportes de estrangeiros[3], com somatórios estimados de US$ 174,020 e US$ 126,266 bilhões, respectivamente, como observamos no gráfico a seguir. Com isso, empresas chinesas investiram 41% a mais em 2015 em relação a 2014. Já os dados do balanço de pagamentos, pela metodologia BPM6, apontam que o volume de inversões feito pela China no exterior ainda é menor do que o recebido, mesmo que a tendência do primeiro seja ascendente e a do segundo, decrescente. Os números apresentados por essas duas estatísticas diferem porque no Balanço de Pagamentos são considerados também lucros não pagos e não remetidos, lucros retidos, empréstimos intracompanhias, capital estrangeiro utilizado por instituições financeiras e imóveis comprados por não residentes. Cabe ainda uma observação sobre os destinos finais, que têm Hong Kong e paraísos fiscais como destaque, o que dificulta a análise do destino final dessas inversões[4]. De fato, entre 2009 e 2014, Hong Kong se coloca como o principal receptor de investimentos, com 57% de todas negociações[5].

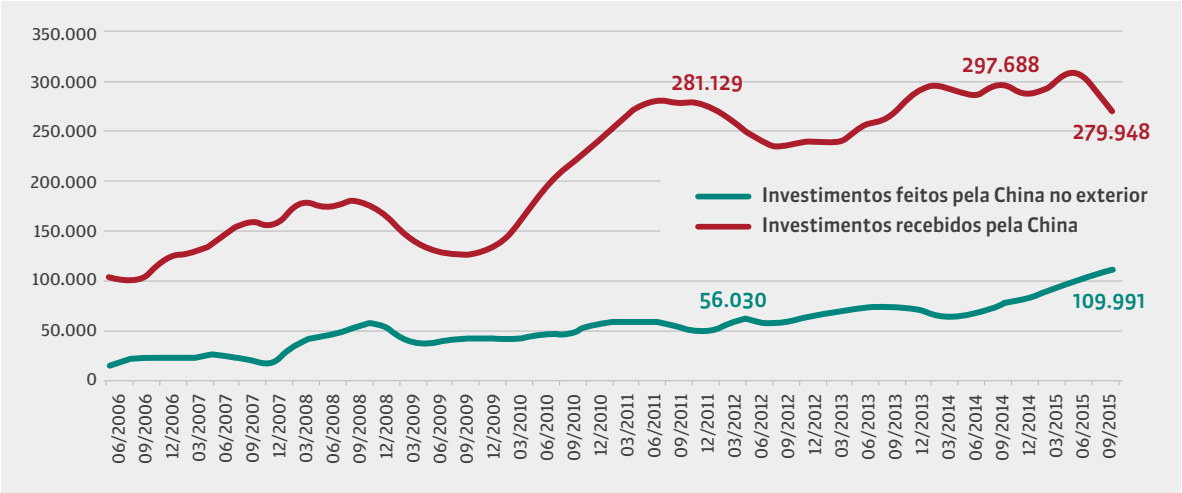
3 Para tanto, assumimos que o volume de investimentos feito no setor financeiro em 2015 igualou-se aos realizados em 2014, uma vez que esse dado não foi disponibilizado. Em média, 25% dos investimentos se dão no setor financeiro e 75% nos demais segmentos (cujas estatísticas já foram conhecidas para o ano passado).
4 Por isso também que, analisando as estatísticas brasileiras, a China ainda se coloca como um parceiro pequeno em termos de recebimento de investimento estrangeiro direto. Parte dos aportes ocorre através de paraísos fiscais.
5 Sabe-se que as empresas chinesas têm incentivos para usar Hong Kong como intermediário de suas movimentações. Especialmente por facilidades fiscais e pelas instituições legais e financeiras mais desenvolvidas. Além disso, pode ficar mais fácil a movimentação de capital entre subsidiárias e matriz.

GRÁFICO 2 - **China: investimentos feitos no exterior e recebidos (US$ milhões)**



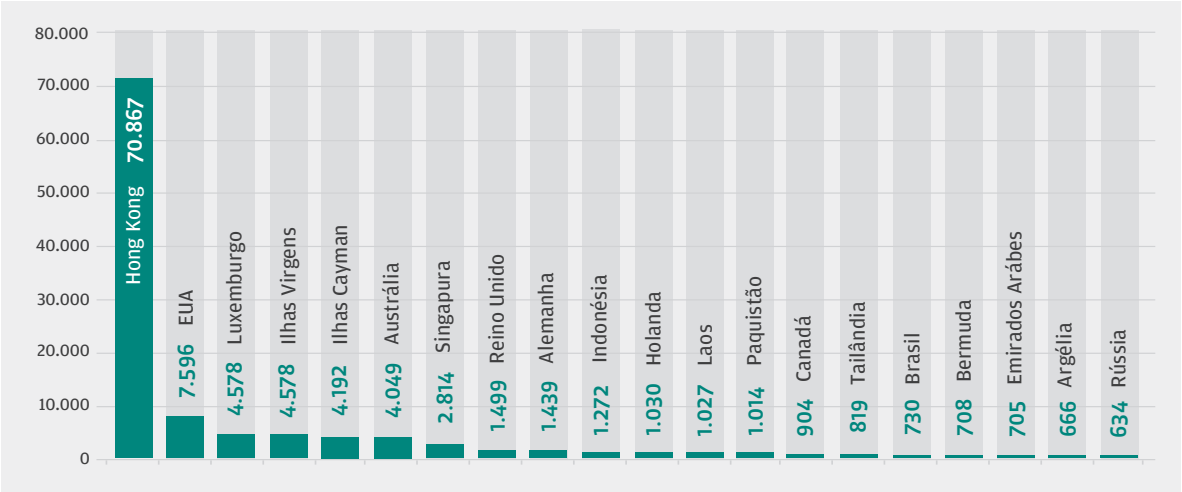
Fonte: Ministério do Comércio da China

GRÁFICO 3 - **China: investimentos recebidos e feitos no exterior (US$ milhões)**



Fonte: Balanço de Pagamentos

GRÁFICO 4 - **Maiores receptores de investimentos da China (US$ milhões), 2014**



Fonte: CEIC

De forma simplificada, podemos caracterizar a fase anterior de investimentos chineses no mundo pela busca de recursos naturais, liderada por empresas estatais. Os aportes eram dirigidos a países desenvolvidos, mas também em países com fraco ambiente institucional (com destaque para a África)[6]. Mais recentemente, contudo, a internacionalização das empresas chinesas têm se dado de forma mais diversificada, tanto em termos de destinos, como setores e montantes. Assim, somada a essas estatísticas, analisando os investimentos anunciados na imprensa global e por consultorias especializadas, notamos características muito interessantes dessa nova fase de compras e aquisições, que elencamos a seguir:

- Volume de aquisições ligadas à energia e a outros recursos naturais vem caindo, ao mesmo tempo em que aumenta o interesse por ativos de tecnologia, marca, setor financeiro e setor imobiliário. As compras no setor de energia e mineração caíram de pouco mais de 80% em 2011 para cerca de 15% em 2015[7];

- Com a redução de operações relacionadas aos recursos naturais, as negociações tendem a ter um valor menor. Em 2014, por exemplo, as transações pequenas e médias, de até US$ 1 bilhão, responderam por 40% dos investimentos;

- A campanha anticorrupção pode ter reduzido a disposição de investimento das empresas estatais, abrindo espaço para as empresas privadas;

- O menor interesse por ativos na área de mineração migrou para o agronegócio. Exemplos disso são: a compra da Smithfields pela Shuanghui; a compra da Bright Food de 60% da inglesa Weetabi (especializada em cereais) e da Manassen Foods da Austrália; a aquisição de várias fazendas de leite na Nova Zelândia pela Pengxin. O interesse dos chineses por cana de açúcar na Austrália também tem crescido, com investimentos da Cofco e do grupo Xangai[8];

- Países desenvolvidos ainda respondem pela maior parte das compras chinesas, com a Europa muito atrativa, os EUA ganhando participação e Austrália se consolidando com um dos principais destinos dos investimentos chineses. Esses três destinos responderam 2/3 das aquisições chinesas no ano passado[9]. Japão e Canadá, por outro lado, têm perdido espaço;

- Investidores financeiros, através de empresas de *private equity*, conglomerados financeiros e seguradoras, têm aumentado a participação nas operações, à medida que a China começa a relaxar as restrições para essas entidades investirem no exterior. Nesse sentido, cresce também o envolvimento dos bancos de desenvolvimento e de fundos soberanos;

- A estratégia de investir em países que antes pertenciam à rota da seda (conhecida como *One Road, One Belt*, lançada em 2014), parece ainda avançar de forma tímida com poucos negócios realizados no ano passado em Israel, Cazaquistão e Turquia. Eventualmente, nesses países, a estratégia pode ser de investir através de *greenfield* e empréstimos e não através da compra de empresas já existentes;

- Aquisições recentes como a da unidade de eletro-domésticos da GE pela Haier e da Syngenta pela ChemChina (que se mostra como a maior compra feita por uma empresa chinesa) revelam a busca por mercados consolidados, pelo reconhecimento global das marcas e pelo acesso à pesquisa e tecnologia;

6 KOLSTAD, Ivar e WIIG, Arne. What determines Chinese Outward Investment?. CHR Michelsen Institute. 2009.
7 Segundo dados do Rodhium Group.
8 Segundo levantamento do escritório em Pequim da Confederação Nacional da Agricultura e Pecuária (CNA).
9 Segundo dados do Rodhium Group.

- O segmento de entretenimento vem se colocando como estratégico para grupos chineses. O grupo Wanda, após adquirir a rede de cinemas AMC, comprou neste ano a Legendary Entertainment. A China Media Capital injetou US$ 100 milhões na Imagine Entertainment e a Perfect World Pictures fechou um financiamento de US$ 500 milhões com a Universal Pictures. No segmento de games, as movimentações também têm sido crescentes;
- No segmento hoteleiro deveremos observar também o aumento da presença de chineses. Vale lembrar a compra do hotel Waldorf-Astoria pelo grupo segurador Anbang – que tentou (sem sucesso) adquirir a rede de hotéis Starwood;

Assim, cabe uma pequena lista com exemplos de aquisições mais recentes e mais expressivas ocorridas nos últimos anos[10].

GRÁFICO 5 - **Aquisições por empresas chinesas**

Ano	Empresa compradora	Empresa comprada/ País de origem	Valor (referente à data do anúncio)	Setor
2005	Lenovo	IBM PC Units, EUA	US$ 1,25 bilhão	Tecnologia
2007	China Investment Corporation	Morgan Stanley (9,9% da operação), EUA	US$ 5,6 bilhões	Financeiro
2007	Industrial and Commercial Bank of China	Standard Bank (20% da operação), África do Sul	US$ 5,5 bilhões	Financeiro
2008	Chinalco	Rio Tinto, Anglo Australiana	US$ 14,3 bilhões (parte da operação)	Alumínio
2009	Sinopec	Addax Petroleum, Suíça	US$ 7,3 bilhões	Petróleo
2010	Sinopec	Repsol – 40% da operação brasileira	US$ 7,1 bilhões	Petróleo
2010	Zhejiang Geely Holding Group	Volvo (unidade da Ford Motors Co's), Suécia	US$ 1,5 bilhão	Automotivo
2011	China National Agrochemical Corporation (Chem China)	Makhteshim Agan – ADAMA, Israel	(US$ 2,4 bilhões), equivalente a 60% da companhia israelense	Química
2011	China National Bluestar (80% ChemChina e 20% Blackstone)	Elkem, Noruega	US$ 2 bilhões	Química
2012	Wanda Group	AMC Theaters, EUA	US$ 2,6 bilhões	Entretenimento
2013	CNOOC	Nexen, Canadá	US$ 15,2 bilhões	Petróleo
2013	Shuanghui International Holdings	Smithfield Foods, EUA	US$ 7,1 bilhões*	Alimento
2014	China Minmetals	Glencore Xstrata`s Las Bambas mina de cobre no Peru	US$ 7 bilhões	Mineração
2014	COFCO	Noble, Nidera Agri, Holanda	US$ 2,8 bilhões e US$ 750 milhões	Agronegócio
2014	Lenovo	Motorola Mobility, EUA	US$ 2,9 bilhões	Telefonia
2015	China Cinda Asset Management	Nanyang Commercial Bank,Hong Kong	US$ 8,8 bilhões	Financeiro
2015	ChemChina	Pirelli, Itália	US$ 7,7 bilhões	Automotivo
2015	Fosun	Club Mediterranee, França	€ 939 milhões	Entretenimento
2016	China National Chemical Corporation (ChemChina)	Syngenta, Suíça	US$ 43 bilhões	Agronegócio/ químico
2016	Qingdao Haier	GE appliances unit, EUA	US$ 5,4 bilhões	Eletrodomésticos
2016	Zoomlion Heavy	Terex Corporation, EUA	US$ 3,4 bilhões	Equipamentos e maquinário
2016	Dalian Wanda	Hollywood's Legendary Entertainment, EUA	US$ 3,5 bilhões	Entretenimento
2016	Tianjin Tianhai Investement Development Co.(HNA)	Ingram Micro, EUA	US$ 6,3 bilhões	Aviação e Logística
2016	ChemChina	KraussMafei, Alemanha	US$ 1 bilhão	Máquinas e Equipamentos

* A compra foi de US$ 4,7 bilhões e o restante foi empréstimo.

10 Cabe a ressalva de que esses dados foram coletados em veículos de imprensa internacional. Muitas vezes há divergência entre os valores divulgados por mais de um canal. E, não necessariamente, o valor anunciado foi o valor acordado ao final da operação entre as empresas envolvidas.

Contextualizar essa nova fase mais agressiva de internacionalização das empresas chinesas é fundamental. Assim, entendemos que a desaceleração da economia, levando ao baixo crescimento da indústria e do setor imobiliário, somada à capacidade ociosa, à redução de oportunidades de investimento no setor imobiliário e ao crescente número de medidas protecionistas contra o país, são os grandes motivadores das aquisições mais recentes. A expectativa de depreciação adicional do renminbi – após depreciação aproximada de 5% nos últimos doze meses – pode também ter acelerado o movimento mais recente. A garantia de fornecimento de alimentos e a preocupação com segurança alimentar também têm pautado outra parte relevante das compras. Ainda a China tem buscado adquirir tecnologia, conquistar mercados em segmentos em que não tem penetração e influência global como entretenimento (que também é crescente na própria China). Como estratégia do governo, temos também a política do *One Road, One Belt*. Financiando esse movimento, temos os bancos de políticas e os bancos comerciais – além do estabelecimento do Banco Asiático de Infraestrutura – para dar suporte à internacionalização das empresas chinesas.

Esse movimento das empresas chinesas, por sua vez, tende a trazer importantes ganhos de produtividade ao país. Seja através do conhecimento de novas práticas (trabalhistas, legais, etc), seja através melhora na qualidade de produtos e transferência de tecnologia[11]. Esse movimento se coloca cada vez mais estratégico em um momento de mudança do modelo de crescimento, em que ganhos de eficiência e produtividade serão um dos fatores a sustentar a expansão da China em ritmo ainda forte.

Finalmente, da mesma forma como se observa no restante do mundo, o interesse da China pelo Brasil tem se concentrado nos investimentos, sendo ultrapassado apenas pelas relações comerciais. A presença de empresas chinesas no País é crescente e se deu, inicialmente, através principalmente da abertura de filiais, com a presença das empresas importantes em diversos segmentos, e das aquisições de negócios ligados ao segmento de *commodities* e de energia. Mais recentemente, os segmentos industrial e financeiro ganharam relevância, como companhias do setor automotivo, eletrodomésticos, máquinas pesadas e os principais bancos chineses, além dos grupos de telefonia e de energia. A presença asiática também avança através dessas aquisições globais, à medida que importantes multinacionais atuam aqui, com a COFCO, por exemplo, ganhando rápida relevância na exportação de grãos no País. Há ainda uma grande expectativa de maior envolvimento de grupos chineses no segmento de infraestrutura. Em nosso monitoramento de anúncios de investimentos, conseguimos selecionar diversas experiências da chegada das companhias chinesas no Brasil, na tabela final[12].

11 Chen, Wenjie e Tang, Heiwai. The Dragon is Flying West: Micro-Level Evidence of Chinese Outward Direct Investment. Asian Development Review, vol 31, no2. 2014.
12 Cabe a ressalva de que esses são anúncios coletados na imprensa. Não necessariamente são projetos e montantes que se confirmaram no momento posterior à divulgação. Sobre isso, interessante estudo explora a diferença entre os investimentos anunciados e as negociações, de fato, ocorridas. Segue como leitura de referência: https://www.ciaonet.org/attachments/16891/uploads, consultado em 29 de março de 2016.

Trajetória recente dos investimentos chineses no Brasil

A relação sino-brasileira conquistou significativos avanços nos últimos anos. Além da elevação no comércio bilateral, o que garantiu à China o título de maior parceiro comercial do Brasil, o país asiático se coloca cada vez mais como um investidor importante no território nacional.

Entre 2007 e 2013, foi contabilizado um montante de US$ 56,5 bilhões em investimentos anunciados no País, dos quais US$ 28,3 bilhões foram confirmados. Esse fenômeno torna inegável a nova fase da relação bilateral, não apenas voltada para o comércio, mas também para parcerias em esferas mais abrangentes.

Os investimentos, em geral tímidos entre 2007 e 2009, ganharam grande dinamismo a partir de 2010, ano que marca a descoberta do Brasil, por parte das empresas chinesas, como um potencial destino para investimentos externos. Nesse primeiro momento, a China passou a investir nas atividades diretamente ligadas aos produtos que constituem a maior parte da pauta de exportação do Brasil para a China. No setor de petróleo e gás, a compra de 40% das operações brasileiras da empresa espanhola Repsol, por parte da estatal chinesa Sinopec, reflete com clareza esse processo. Tal movimento estaria alinhado com a internacionalização das empresas chinesas nesse período, quando diversas aquisições de empresas ligadas à exploração de recursos naturais ocorreram no mundo.

No entanto, entre 2011 e 2013, as empresas chinesas exploraram novas oportunidades na área industrial, em especial nos setores de máquinas e equipamentos, aparelhos eletrônicos e automotivos, sobretudo voltados para o mercado doméstico. Ao longo do período mencionado, percebeu-se um rearranjo progressivo dos investimentos na exploração de recursos naturais para a indústria, com destaque para o setor automotivo e o ingresso de montadoras chinesas (Chery), de máquinas e equipamentos (Sany), além de alguns setores de tecnologia mais avançada, principalmente com a expansão das atividades de empresas dos setores de eletrônicos e comunicação (Huawei, Lenovo). Nessa fase, pode-se dizer que o Brasil colecionava condições bastante propícias ao recebimento desses aportes chineses, com destaque para o ritmo do crescimento econômico.

A estratégia chinesa prosseguiu com investimentos no setor de serviços, em especial na área financeira. No intuito de apoiar o comércio e os investimentos bilaterais, assim como de dar respaldo à estratégia de internacionalização do yuan, bancos chineses se estabeleceram no Brasil ou adquiriram participação acionária em bancos brasileiros. Além disso, recentemente, empresas de tecnologia, como o buscador chinês Baidu, ingressaram no País, algo que demonstra que essa nova fase contempla a entrada de empresas chinesas, a aquisição de empresas brasileiras ou o estabelecimento de parcerias.

Segue-se daí que um novo ponto de inflexão ocorreu entre 2014 e 2015, quando os investidores chineses avançaram de forma notável na área de produção e transmissão de energia elétrica. Empresas como a State Grid e a China Three Gorges venceram importantes licitações para a construção e/ou aquisição de usinas hidrelétricas e linhas de transmissão no País.

O setor do agronegócio, recentemente, também recebeu importantes investimentos por parte de empresas chinesas, sobretudo através de aquisições ao nível global. A análise aprofundada dessas iniciativas recentes está nas páginas desta publicação.

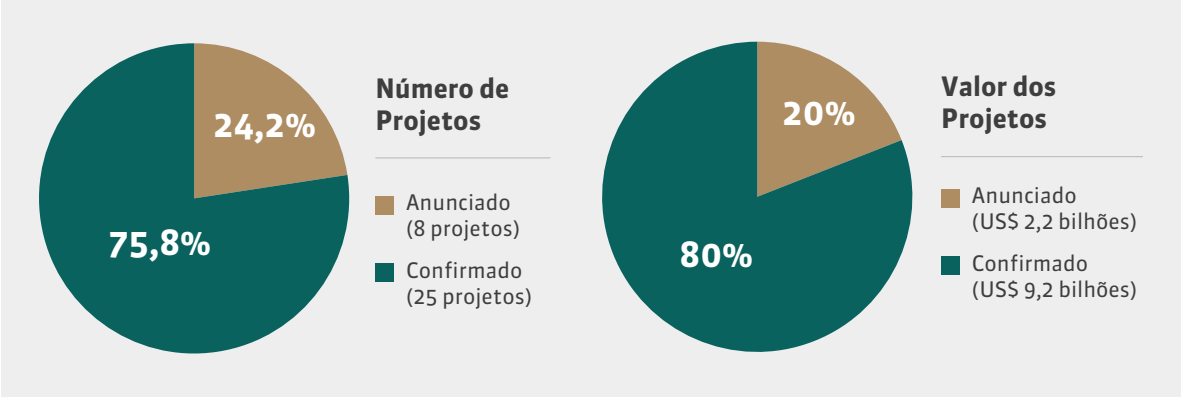
No atual cenário, o Conselho Empresarial Brasil–China (CEBC) considera que novas oportunidades de investimento chinês no Brasil emergirão nos próximos anos. A desvalorização do real tornou os ativos brasileiros mais atrativos e criou uma inequívoca janela de oportunidade para investidores estrangeiros que tenham visão estratégica e não estejam direcionados apenas para os ganhos de curto prazo. É nesse contexto que os investidores chineses têm mostrado uma presença crescente na economia brasileira.

Para que o Brasil possa aproveitar as valiosas janelas de oportunidades criadas no marco do relacionamento bilateral, é indispensável avançar em reformas para aprimorar o ambiente regulatório na área de infraestrutura, e assegurar a competitividade internacional das empresas brasileiras, condições indispensáveis para que o Brasil possa se inserir vantajosamente nas cadeias globais de valor que estão a surgir de forma acelerada.

Análise geral: investimentos chineses no Brasil entre 2014-2015

O levantamento realizado pelo CEBC, tendo como base as notícias veiculadas na imprensa[13] sobre a realização de investimentos chineses no Brasil, registrou 33 projetos anunciados no período de 2014-2015, o que soma um total de US$ 11,4 bilhões. Desses, 25 projetos, no montante de US$ 9,2 bilhões, estão confirmados, segundo a apuração do CEBC em contato direto com as empresas chinesas e seus parceiros brasileiros[14].

GRÁFICO 6 - **Projetos de investimento chinês no Brasil – 2014-2015**



Fonte: Lista consolidada CEBC

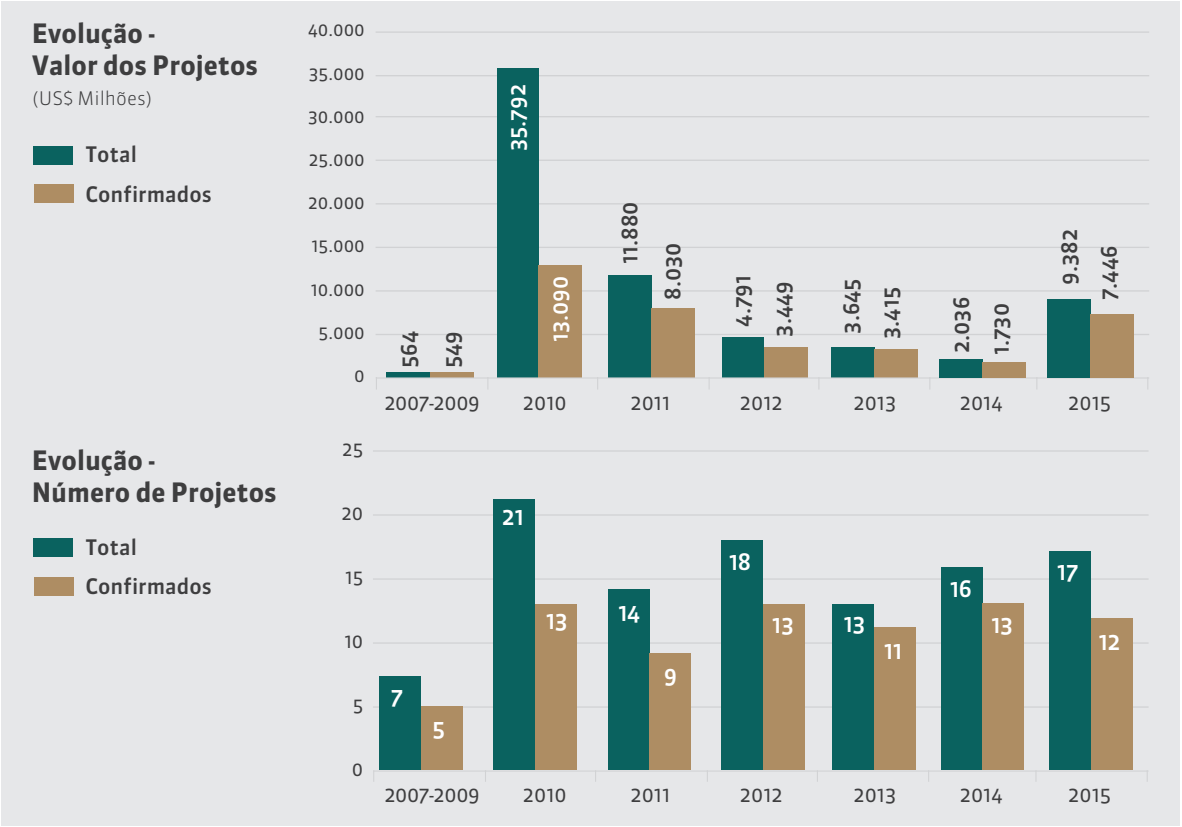
A análise comparativa entre os investimentos realizados no biênio 2014-2015 e o histórico de projetos no Brasil efetuados por empresas chinesas em anos anteriores revela um primeiro momento de declínio no valor dos investimentos em 2014, assim como uma notável recuperação em 2015.

É possível observar que o ano de 2014 contabilizou um total de 13 projetos confirmados no valor de US$ 1,7 bilhão, atestando a tendência decrescente percebida em anos anteriores. Uma das explicações para esse fenômeno está associada à consolidação de projetos anunciados em anos anteriores, que agora estão em fase de efetivação.

O ano de 2015 marca um novo momento, representado por uma forte recuperação no valor dos investimentos chineses no Brasil, com um total de 12 projetos confirmados no montante de US$7,4 bilhões.

13 As fontes para o levantamento foram jornais de grande circulação no País e portais de notícias.
14 Cabe destacar que os dados oficiais de investimentos estrangeiros no País compilados pelo Banco Central do Brasil, assim como os dados divulgados pelas fontes oficiais chinesas, registram apenas o último destino do capital estrangeiro antes de ingressar no país. Essa metodologia cria certos problemas na identificação da origem dos investimentos, como a não consideração de fenômenos como o *round-tripping*, ou seja, o fluxo de Investimento Estrangeiro Direto que vai para um país através de uma localização *offshore*. Como grande parte dos recursos chineses ingressa ao País desta forma, os dados do Banco Central tendem a subestimar o valor total destes investimentos. Para mais considerações sobre a metodologia desta pesquisa ver: *Uma análise dos investimentos chineses no Brasil: 2007-2012; Conselho Empresarial Brasil-China, junho 2013*.

GRÁFICO 7 - **Evolução dos projetos de investimento chinês no Brasil – 2007-2015**



Fonte: Lista consolidada CEBC

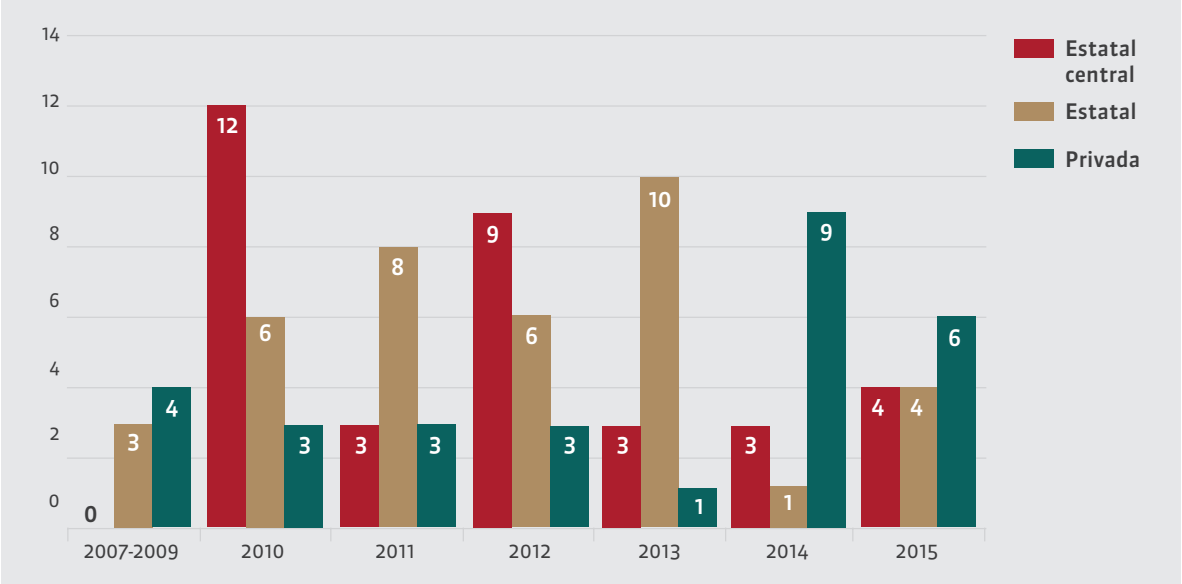
A recuperação observada em 2015 se deve, em parte, à desvalorização do Real, que tornou os ativos brasileiros mais atrativos para os investidores estrangeiros. Apesar da desaceleração da economia do Brasil observada nos últimos anos, os investidores chineses parecem ter guiado sua atuação a partir de uma perspectiva de longo prazo.

Nesse sentido, cabe mencionar que uma parte considerável dos projetos de investimento confirmados no biênio 2014-2015 corresponde a leilões públicos para a geração e transmissão de energia elétrica, projetos caracterizados por um alto montante a ser investido e prazos relativamente longos de maturação. Em relação a essas iniciativas, o ingresso de grandes empresas como a State Grid e a China Three Gorges se mostra como uma contribuição importante ao fortalecimento da infraestrutura no País, principalmente em um momento em que o ajuste fiscal brasileiro restringe novos comprometimentos orçamentários. Parte deste movimento também foi efetuado através da aquisição de ativos de outras empresas estrangeiras com atuação no País, como foi o caso da compra de ativos da EDP (Energias de Portugal) pela China Three Gorges.

A tendência atual também deve ser entendida à luz das recentes visitas oficiais ao Brasil de altos representantes do governo chinês. O Presidente Xi Jinping esteve no País em julho de 2014, e o Primeiro-Ministro Li Keqiang, em maio de 2015. Esses encontros oficiais indicam uma aproximação concreta entre ambos os governos e o amadurecimento das relações bilaterais, fortalecendo, inclusive, o setor empresarial. No marco da visita do Primeiro-Ministro, foram assinados 35 acordos entre instituições e empresas de ambos os países, cobrindo áreas que vão do setor agrícola à pesquisa em tecnologia espacial, dentre os quais cabe mencionar a constituição de um fundo bilateral para investimentos em infraestrutura e energia.

Ao analisar a estrutura de *ownership* das companhias chinesas que investiram no Brasil nos últimos dois anos, percebe-se que a maioria – 13 de um total de 20 – é composta por empresas privadas. Embora até 2013, o Governo Chinês tenha sido sócio da maior parcela das empresas, no biênio posterior, o setor privado tomou a liderança, seguindo o perfil de companhias chinesas que cada vez mais se projetam no mercado internacional. No entanto, cabe mencionar que os projetos de maior valor registrados entre 2014 e 2015 ainda correspondem a grandes empresas estatais ligadas diretamente ao governo central da China.

GRÁFICO 8 - **Investimento chinês no Brasil por tipo de empresa – 2007-2015**



Fonte: Lista consolidada CEBC

Finalmente, a própria evolução da economia chinesa e a mudança no modelo de desenvolvimento do país asiático devem ser considerados. Nos últimos anos, a China vem redesenhando sua estratégia econômica e geopolítica, originando novos arranjos financeiros para desenvolver e interligar a infraestrutura em diversas regiões, além de promover aquisições de empresas estrangeiras com atuação global. Esse movimento teve, recentemente, efeito no Brasil, havendo perspectivas para que assim continue nos próximos anos. Considerando que, ao longo de 2015, os investimentos chineses no mundo também aceleraram, é possível afirmar que o fenômeno observado no Brasil estaria alinhado com o que acontece em outros países.

As questões domésticas chinesas deverão demandar particular atenção no atual contexto: a transformação estrutural em curso, a desaceleração econômica e a política cambial poderão resultar em alguma amenização, ao menos temporária, do apetite chinês de investimento no exterior. Acompanhar este processo será fundamental para avaliar os impactos da evolução econômica chinesa no Brasil nos próximos anos.

Distribuição setorial

O ano de 2014 contou com projetos chineses em áreas já exploradas anteriormente, como o setor automotivo, de máquinas e equipamentos e eletrônicos, indicando que empresas do país asiático seguiram apostando no Brasil como um considerável mercado consumidor e plataforma exportadora na América Latina.

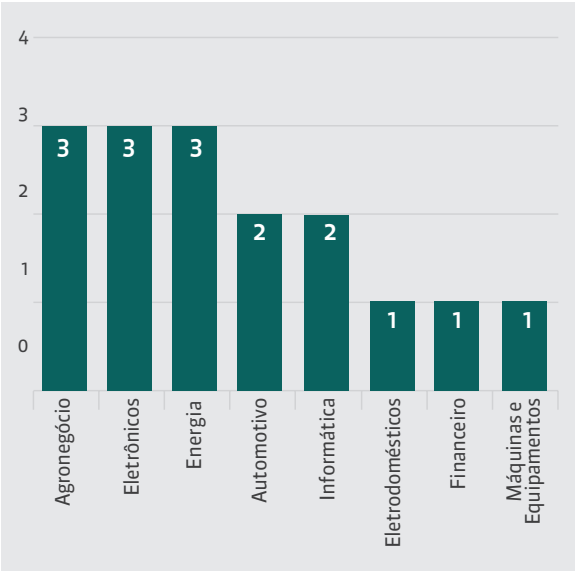
Além dos investimentos em setores com presença chinesa relativamente consolidada, a investida na área de energia deverá ter papel ativo no desenvolvimento estrutural do Brasil. A China Three Gorges e a State Grid têm mostrado interesse na construção de infraestrutura energética no País, seja por meio de parcerias com empresas locais, via aquisições ou participação em concessões.

Os investimentos no agronegócio, pela primeira vez, tiveram maior representatividade, com a aquisição da Nidera e da Noble pela chinesa COFCO – que fez parte de uma operação em escala global. As duas empresas compradas já contavam com negócios consolidados no Brasil, o que sem dúvida ilustra um cenário no qual a China passará a ter controle direto, por exemplo, sobre o escoamento de produtos agrícolas para seu mercado interno.

Na área tecnológica, houve investimentos no setor de informática feitos pelo Baidu, que, recém-chegado, não só estabeleceu um escritório em São Paulo, mas também adquiriu o site Peixe Urbano.

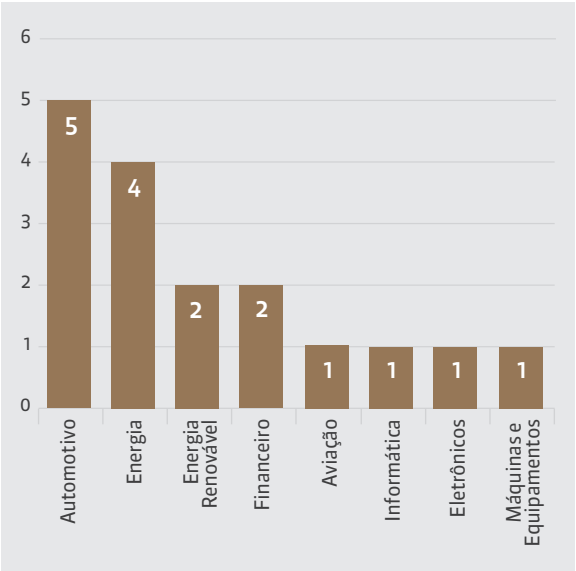
O setor financeiro também saiu fortalecido, em 2014, por meio da compra global do Banco Espírito Santo de Investimento (Besi) pelo Haitong. Originalmente português, o Besi já se fazia presente no Brasil e em outros países, passando, agora, a contar com participação do banco chinês.

GRÁFICO 9 - **Distribuição setorial de projetos em 2014 (número de projetos)**



Fonte: Lista consolidada CEBC

GRÁFICO 10 - **Distribuição setorial de projetos em 2015 (número de projetos)**



Fonte: Lista consolidada CEBC

O ano de 2015 contou com praticamente o mesmo número de projetos, se comparado ao ano anterior. No entanto, apesar do cenário de recessão da atividade econômica brasileira, o valor total dos projetos de 2015 foi notavelmente superior. Uma das razões para esse movimento está vinculada a veloz depreciação da moeda brasileira, que apresentou um cenário atrativo aos investimentos externos no País.

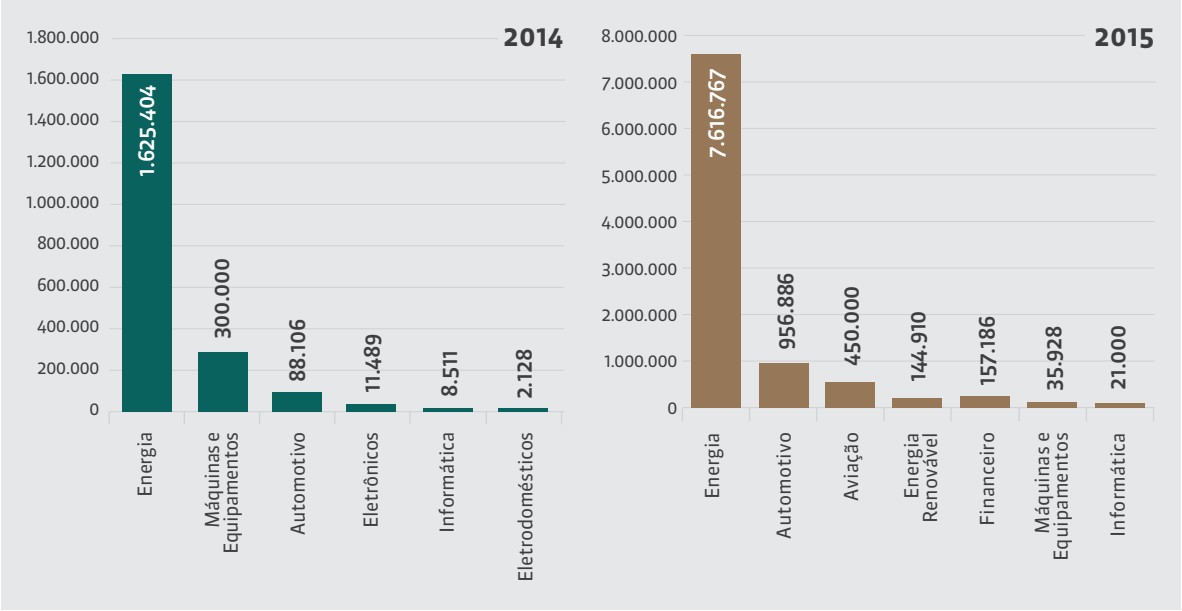
Foi notável a presença de investimentos anunciados no setor automotivo, em especial por parte de empresas chinesas já estabelecidas no País que planejavam novos aportes, como no caso da Chery e da Zotye. Além disso, há também a aquisição, por parte da ChemChina, da italiana Pirelli, que já contava com operações no Brasil que precedem a compra pela chinesa.

A investida no setor de energia, que marcou o ano de 2014, prosseguiu em 2015 com investimentos da China Three Gorges. A empresa chinesa adquiriu da Triunfo Participações o controle de duas hidrelétricas, além de ter arrematado a concessão das usinas de Jupiá e Ilha Solteira, que anteriormente pertenciam à estatal paulista Cesp. Da mesma forma, a State Grid seguiu com seus planos de expansão no País, tendo vencido o leilão realizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) para a construção da segunda linha de transmissão de Belo Monte.

O setor de energia renovável, com presença chinesa bastante tênue no Brasil, contou com aportes significativos em 2015. A China Three Gorges concluiu a aquisição de parte do capital de parques eólicos em operação e desenvolvimento da portuguesa EDP Renováveis no País, enquanto a BYD anunciou investimentos para uma unidade de montagem de painéis solares em São Paulo.

Na área financeira, houve a compra de 80% das ações de emissão do banco BBM pelo Bank of Communications, que agora integra a lista de bancos chineses presentes no Brasil, ao lado de grandes instituições como Bank of China, Industrial and Commercial Bank of China (ICBC), China Construction Bank e China Development Bank.

GRÁFICO 11 - **Distribuição setorial de projetos em 2014 e 2015 (mil US$)**



Fonte: Lista consolidada CEBC

Houve igualmente presença de empreendimentos por parte da LiuGong, fabricante de máquinas e equipamentos, que inaugurou sua primeira planta fabril no Brasil, tendo ainda planos de expansão para os próximos anos.

O setor de aviação contou com investimentos chineses em 2015. O grupo chinês HNA anunciou a compra de 23,7% da Azul Linhas Aéreas, o que dá aos chineses o direito a um assento no conselho de administração da companhia brasileira.

Ao analisar a distribuição dos projetos em 2014 e 2015, sob a ótica do valor das operações, o quadro se torna distinto. O setor de energia liderou, com grande folga, os investimentos nos dois anos. Parte da explicação para esse fenômeno está ligada ao fato de que investimentos no setor de energia – feitos, no caso, por State Grid e China Three Gorges - são particularmente volumosos, por se tratarem de projetos de infraestrutura que demandam grande mobilização de recursos. Além disso, soma-se o fato de as empresas chinesas terem também adquirido, via leilão, a concessão para operar no Brasil, e até mesmo o controle de outras empresas do setor que já operavam no País.

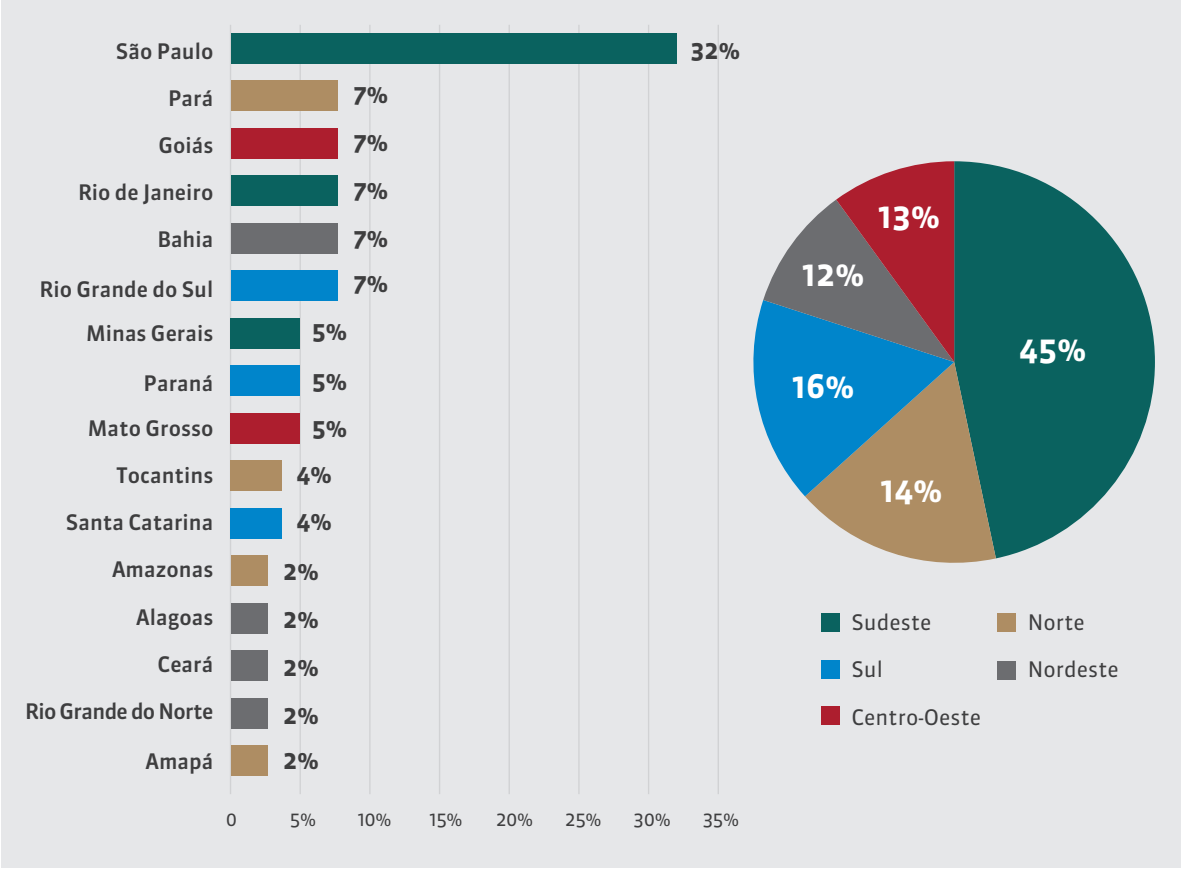
Em 2014, o setor de máquinas e equipamentos foi o segundo colocado, sucedido pelos investimentos em projetos automotivos, eletrônicos, de informática e eletrodomésticos. Houve também investimentos no agronegócio e na área financeira, porém, não foi possível contabilizar os valores provenientes de tais empreendimentos no Brasil por se tratarem de aquisições globais de empresas estrangeiras presentes no País.

O ano de 2015 apresentou valores maiores do que o ano anterior. Seguindo o setor de energia, vieram os investimentos na área automotiva, de aviação, energia renovável, financeira, de máquinas e equipamentos e informática.

Distribuição geográfica

O período de 2014 - 2015 seguiu a tendência de diversificação do destino dos projetos de investimento chinês no Brasil que já vinha ocorrendo nos anos anteriores. Embora relativamente concentrados na região Sudeste, nos últimos dois anos, foram registrados projetos em 16 Estados da Federação. A maior diversificação apresentada no biênio 2014-2015 deve-se, em parte, aos diversos investimentos de uma mesma empresa em localidades múltiplas que foram realizados durante esse período. Como exemplo, pode-se citar a State Grid, vencedora de dois leilões de linhas de transmissão de Belo Monte, o que resultará em investimentos em cinco Estados de três regiões brasileiras, do Pará ao Rio de Janeiro. Ainda que menos centralizador, proporcionalmente aos períodos anteriores, o Estado de São Paulo segue como o destino principal dos investimentos chineses no País.

GRÁFICO 12 - **Distribuição geográfica dos projetos anunciados em 2014 e 2015**



Fonte: Lista consolidada CEBC

Descrição dos investimentos anunciados

2014

AGRONEGÓCIO

COFCO

O agronegócio tem constituído um dos eixos mais dinâmicos da relação sino-brasileira na última década. Em 2015, as exportações de produtos agrícolas (soja, celulose, açúcares, carnes, etc.) representaram 60% do total das exportações do Brasil para a China.

Paradoxalmente, apesar da importância desse setor para o comércio bilateral, os investimentos chineses no agronegócio brasileiro têm sido moderados, sobretudo quando comparados aos de países como Estados Unidos, França, Holanda e Japão. No entanto, esse cenário parece ter começado a mudar nos últimos dois anos.

A COFCO, *trading* chinesa do setor agrícola e maior empresa do setor de alimentos da China, anunciou, em 2014, a compra de 51% da holandesa Nidera por um valor de aproximadamente US$ 1,2 bilhão. O investimento alavancará a COFCO ao papel de *player* fundamental na indústria agrícola global, controlando desde a produção de sementes até importantes redes de comércio.

A Nidera tem uma forte plataforma de produção no Brasil, Argentina e Europa Central. No Brasil, a empresa é um dos principais produtores de sementes de soja e milho, possuindo também terminais de grãos e armazéns nas principais regiões produtoras de soja, como Mato Grosso e Paraná.

Ainda em 2014, a COFCO anunciou um investimento no valor de US$ 1,5 bilhão em parceria com a Noble Agri, *trading* do setor agrícola com sede em Hong Kong. Com essa ação, a COFCO possuirá 51% da Noble Agri, expandindo ainda mais sua participação no mercado internacional de grãos.

Em fevereiro de 2016, a COFCO anunciou a compra dos 49% restantes das ações da Noble Agri, por um valor estimado de US$ 750 milhões. Desta forma, a empresa consolida sua capacidade para atuar globalmente ao longo de toda a cadeia produtiva agrícola.

Os ativos da Noble Agri no Brasil incluem centrais de processamento e armazenamento de sementes no Mato Grosso, plantas de processamento de açúcar e produção de etanol em São Paulo e terminais portuários na cidade de Santos.

Considerando que nos comunicados oficiais e na imprensa não há diferenciação entre os ativos adquiridos globalmente e os ativos adquiridos no Brasil, não foi possível estimar o valor destas transações correspondente aos investimentos da COFCO no Brasil entre 2014 e 2015.

TIDE GROUP

A chinesa Tide Group, do ramo de defensivos agrícolas, adquiriu o controle da paranaense Prentiss Química. Com esse investimento, a empresa demonstra seu interesse no mercado brasileiro, sendo a fábrica da Prentiss, no município de Campo Largo (PR), a única unidade da companhia fora da China.

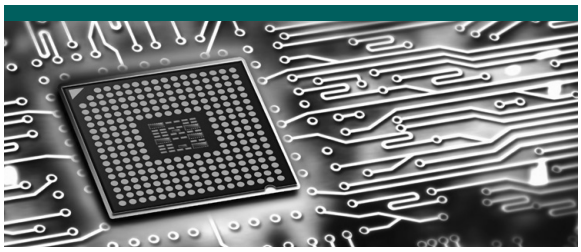
AUTOMOTIVO

CHINA AUTOMOTIVE SYSTEMS

A empresa China Automotive Systems, fornecedora de autopeças e sistemas automotivos, iniciou a construção de uma fábrica em Guarulhos, no estado de São Paulo, para a produção de componentes automotivos e caixas de direção. Com capacidade de produção de aproximadamente 100 mil peças por ano, a unidade começará as operações em junho de 2016.

BYD

A BYD anunciou em 2014, na presença dos presidentes Xi Jinping e Dilma Rousseff, um investimento de R$ 200 milhões para uma fábrica de ônibus elétricos e centro de P&D em Campinas. A assinatura do investimento ocorreu na presença do prefeito da cidade, e a unidade entrou em operação em agosto de 2015. Além disso, o polo fabril está em expansão para fabricação de outros modelos de chassis de ônibus urbanos.



ELETRÔNICOS

HUAWEI

A Huawei e o CPqD anunciaram uma parceria para pesquisa e desenvolvimento (P&D) dedicada à inovação em 4G no Brasil. O objetivo do projeto é desenvolver tecnologias de software inovadoras, baseadas na plataforma de serviços da Huawei para uso em redes LTE. Além disso, as organizações irão criar um laboratório de P&D nas instalações do CPqD em Campinas, São Paulo, instituição que abrigará duas equipes de profissionais de telecomunicações, nas áreas de sistemas de suporte ao negócio (BSS, na sigla em inglês) e de plataforma de serviços.

MIDEA

A chinesa Midea, que já produz aparelhos de ar-condicionado em Manaus (AM) e em Canoas (RS), anunciou, em janeiro de 2014, que começará a fabricar fornos micro-ondas. O investimento seria de R$ 5 milhões para a produção de cinco modelos de fornos voltados para o mercado brasileiro. A chinesa opera no Brasil por meio de uma *joint venture* criada em 2011 com a americana Carrier.

RAISECOM

A Raisecom, companhia chinesa especializada em soluções de acesso e elementos de rede, oficializou, em outubro de 2014, sua operação brasileira. A companhia já atuava no País por meio de um parceiro de vendas, a Asga, e, desde julho de 2014, mantém um escritório em

São Paulo. A Raisecom desenvolve uma linha grande e diversificada de produtos que incluem Carrier Ethernet, roteadores para PME, switches industriais, xPON, PTN, Last Mile Access (ponto de ligação entre os provedores de acesso à Internet e os clientes), xWDM, MSAP e sistemas de gerência NMS. Além disso, a empresa se especializou em desenvolver soluções sob medida para diferentes cenários, com foco em conexões corporativas, acesso PME, *backhaul* de redes celulares (MBH), aplicações industriais e para as Utilities, bem como serviços residenciais *triple-play*.

ZTT

A chinesa ZTT, especializada na produção de material de fibra ótica, investiu R$ 20 milhões em uma unidade fabril em Alagoas, no Polo Multifabril José Aprígio Vilela, em Marechal Deodoro. Inaugurada em outubro de 2015, a instalação da fábrica foi viabilizada pelos incentivos fiscais, creditícios e locacionais do Programa de Desenvolvimento Integrado do Estado de Alagoas (Prodesin). A unidade foi construída por meio de uma parceria com a empresa brasileira Solverde, que já comercializava cabos de fibra ótica e tem sede em São José dos Campos, São Paulo.

Maior fabricante de material de fibra óptica do mundo, a ZTT tem uma unidade na Índia, com faturamento anual superior a R$ 7 bilhões. A fábrica de cabos em Alagoas será a primeira de uma série de investimentos do grupo programados para o Estado. Até 2017, a ZTT pretende investir mais de R$ 200 milhões na instalação de mais duas fábricas: uma de fibra óptica (principal insumo para a fabricação de cabos ópticos) e outra para a fabricação de cabos condutores de alumínio.

ENERGIA

CHINA THREE GORGES

Usina Hidrelétrica de São Manoel

A CTG Brasil, subsidiária da China Three Gorges Corporation, associou-se à EDP Brasil e à Furnas para a construção da Usina Hidrelétrica de São Manoel, que terá uma capacidade instalada de 700 MW e será construída entre os Estado do Mato Grosso e do Pará, no Rio Teles Pires. A EDP Brasil, que detinha 66,6% do Consórcio Terra Nova, vencedor da concessão para a construção da central, vendeu participação de 33,3% no projeto para o grupo chinês. Por ser um projeto *greenfield*, a CTG Brasil assume futuros investimentos, proporcionais à sua participação na empresa.

Usina Hidrelétrica Santo Antônio do Jari e Usina Hidrelétrica de Cachoeira Caldeirão

A CTG Brasil, subsidiária da China Three Gorges Corporation, adquiriu da EDP Brasil 50% dos projetos de construção das Usinas Hidrelétricas Santo Antônio do Jari (373 MW) e de Cachoeira Caldeirão (219 MW). O valor do investimento foi de R$ 412 milhões. Santo Antônio do Jari iniciou suas operações em agosto de 2014, 4 meses adiantada em relação ao contrato de concessão. Cachoeira Caldeirão tem obrigação contratual de iniciar sua operação em Janeiro de 2017, no entanto, também é esperada uma antecipação.

STATE GRID

O consórcio IE Belo Monte, formado pela empresa estatal chinesa State Grid (51% de parti-

cipação) e pelas brasileiras Eletronorte (24,5%) e Furnas (24,5%), controladas pela Eletrobrás, foi o vencedor do leilão da primeira linha de transmissão do Complexo Hidrelétrico de Belo Monte em construção no Rio Xingu, no Pará. O Lote AB, único do certame que compreende a construção, montagem, operação e manutenção do empreendimento, foi conquistado com uma oferta de Receita Anual Permitida (RAP) de R$ 434,647 milhões, representando 38% de deságio sobre o valor máximo estabelecido pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL), sendo o valor total de R$ 701,04 milhões. Essa linha de transmissão de Belo Monte terá 2,1 mil quilômetros de extensão e duas estações conversoras em extra-alta tensão, um modelo tecnológico em 800 kV ainda inexistente no Brasil, mas no qual os chineses têm experiência. O projeto será responsável por escoar a energia produzida pela usina para a região Sudeste e demandará investimento estimado em aproximadamente R$ 5 bilhões.

FINANCEIRO

HAITONG

O Besi Brasil, subsidiária local do português *Banco Espírito Santo de Investimento*, será controlado pelo banco chinês Haitong. O banco português anunciou a venda de seu braço de investimentos para a Haitong International Holdings, incluindo sua operação brasileira. Após aprovada a compra, o Haitong deterá os 80% do capital anteriormente pertencente ao Besi de Portugal. O objetivo do banco chinês é usar a capilaridade do Besi para expandir sua presença ao redor do mundo e entrar em novos mercados, incluindo o Brasil.

INFORMÁTICA

BAIDU

O grupo chinês Baidu, segundo maior serviço global de buscas na internet, iniciou operações no Brasil com a abertura de um escritório na cidade de São Paulo com investimento de R$ 20 milhões. Além disso, a companhia chinesa adquiriu o controle da empresa de comércio eletrônico Peixe Urbano.

MAQUINÁRIO E EQUIPAMENTO

SANY

A Sany Indústria do Brasil, subsidiária da multinacional de origem chinesa Grupo Sany, quinto maior fabricante de máquinas de construção do mundo, anunciou um compromisso de investimento de US$ 300 milhões em nova fábrica no Brasil. A nova fábrica permitirá a criação de mais de mil postos de trabalho, além da fabricação, em território brasileiro, de máquinas e equipamentos ainda sem produção nacional.

2015

AUTOMOTIVO

CHERY

Com fábrica inaugurada em 2014 na cidade de Jacareí, em São Paulo, a empresa automotiva chinesa Chery anunciou um novo investimento de US$ 100 milhões na construção de uma terceira linha de montagem. A nova linha será destinada à produção do SUV Tiggo 5 e terá capacidade para montar até 30 mil unidades por ano. Quando estiver em operação, a nova linha deve gerar 220 postos de trabalho na planta, que tem atualmente cerca de 500 funcionários.

A empresa também anunciou, em conjunto com um grupo de fornecedores, um investimento de US$ 700 milhões para a criação de um complexo industrial automotivo na cidade de Jacareí (SP), que será instalado ao redor da fábrica da montadora na cidade.

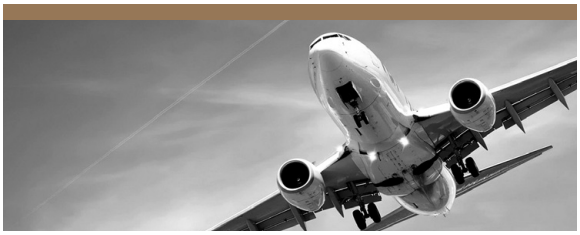
ZOTYE

A Zotye Motors do Brasil está iniciando suas operações no Brasil e, para fortalecer sua chegada como fabricante nacional, adquiriu a fábrica de automóveis da marca TAC, empresa 100% brasileira e detentora de grande tecnologia para veículos 4x4. Após negociações, a montadora chinesa não conseguiu dar sequência para implantação industrial no Espírito Santo e formalizou parceria com o estado de Goiás, onde será construída em área de 200.000m^2 a indústria dos veículos Zotye, sendo uma unidade exclusiva para veículos elétricos. A sede administrativa está localizada em Brasília. Os primeiros veículos, importados da China, começaram a ser vendidos no segundo semestre de 2016, e os montados na fábrica brasileira têm previsão de chegar às ruas até o fim de 2017.

CHINA NATIONAL CHEMICAL CORP

A China National Chemical Corp (ChemChina) anunciou um acordo para a compra da fabricante de pneus Pirelli. A aquisição garantirá à companhia chinesa o controle da empresa italiana. Inicialmente, a transação prevê a compra pela ChemChina de 26,2% das ações da Pirelli por um valor de US$ 7,7 bilhões. Posteriormente, a empresa chinesa lançará uma oferta de aquisição obrigatória pelo restante das ações a um preço de € 15 por ação.

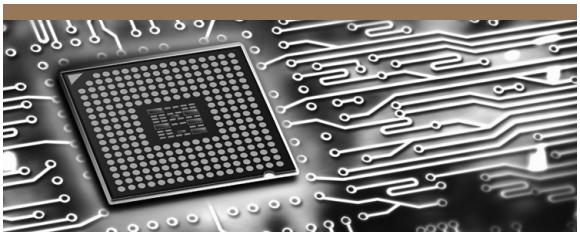
Desta forma, a ChemChina, com atuação limitada até o momento no Brasil, passará a ter controle sobre as fábricas da Pirelli em São Paulo, Rio Grande do Sul e Bahia, que fornecem pneus para montadoras de veículos e para usuários finais. O Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) aprovou, sem restrições, a compra das operações. A aquisição será feita por meio da divisão de borracha e pneus da ChemChina - a China Nacional Tire & Rubber (CNRC) - e de sua subsidiária CNRC Marco Polo, *holding* criada especialmente para a operação.



AVIAÇÃO

HNA GROUP

O HNA Group, conglomerado chinês que opera no setor de aviação, com atuação expressiva na área de financiamento de aeronaves, assinou um acordo para a compra de 23,7% de participação na companhia brasileira Azul Linhas Aéreas, por meio de um investimento de R$ 1,7 bilhão. A transação dá direito aos chineses a um assento no conselho de administração. De acordo com o comunicado da Azul, o investimento trará importantes benefícios para a companhia, tais como: fortalecimento do caixa; continuidade do plano de renovação de frota; melhoria de produtos e serviços; além de amortização de dívidas.



ELETRÔNICOS

XIAOMI TECHNOLOGY CO.

A Xiaomi é uma empresa do setor de eletrônicos fundada em 2010. Atualmente, a companhia desenvolve hardware e software, além de ser a quarta maior vendedora de smartphones do mundo, tendo vendido mais de 60 milhões de unidades somente em 2014. Em 2015, estabeleceu-se na América Latina ao abrir um escritório na cidade de São Paulo e dar início às vendas do smartphone Redmi 2 no mercado brasileiro.

ENERGIA

BYD

Em 2015, na presença do Primeiro-Ministro Li Keqiang e da presidente Dilma, a BYD anunciou seu segundo investimento no Brasil, de R$ 150 milhões, para uma unidade de montagem de painéis solares. A unidade está avançando dentro do cronograma e será inaugurada em julho de 2016.

CHINA THREE GORGES

Parques Eólicos

Confirmando os avanços no País, a CTG Brasil, subsidiária da China Three Gorges Corporation, concluiu em maio de 2015 a aquisição de 49% do capital de 11 parques eólicos, em operação e desenvolvimento no Brasil, da empresa EDP Renováveis. O valor do investimento foi de R$ 333 milhões. Os parques eólicos contemplados na transação somam 328 MW em capacidade instalada.

Usina Hidrelétrica de Salto, Usina Hidrelétrica de Garibaldi e comercializadora de energia

Em novembro de 2015, a CTG Brasil, subsidiária da China Three Gorges Corporation, concluiu a aquisição das Usinas Hidrelétricas de Salto (116 MW) e Garibaldi (192 MW), além de uma empresa comercializadora de energia. O valor do investimento foi de R$ 970 milhões.

Usinas Hidrelétricas de Jupiá e Ilha Solteira

Em novembro de 2015, a CTG Brasil venceu o leilão organizado pelo governo brasileiro para a operação das Usinas Hidrelétricas de Jupiá e Ilha Solteira com uma outorga de R$ 13,8 bilhões. A empresa pagará 65% desse valor em Janeiro de 2016 e o restante em 180 dias. As Usinas Hidrelétricas de Jupiá e Ilha Solteira tem capacidade instalada de 4.995 MW. Com essa aquisição a CTG Brasil se torna a segunda maior geradora de energia com capital privado no país.

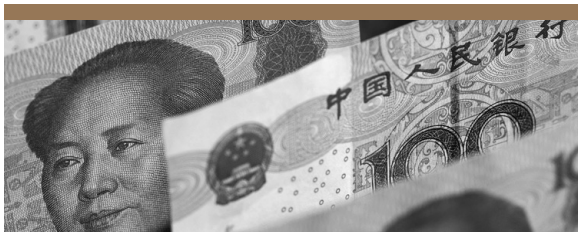
STATE GRID

A State Grid Brazil Holding venceu o leilão realizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) para a construção da segunda linha de transmissão de Belo Monte. A linha reforçará o escoamento da produção da energia produzida na hidrelétrica até o Sudeste. A empresa chinesa apresentou uma proposta de receita anual de R$ 988 milhões, um deságio de 19% em relação à remuneração máxima anual permitida (RAP) para o leilão, de R$ 1,2 bilhão. O investimento previsto é de R$ 7 bilhões e as obras serão realizadas em cinco estados: Pará, Tocantins, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A empresa será responsável pela implantação de 2,5mil quilômetros de linhas de transmissão – desde o Xingu até o Rio de Janeiro - e 7.800 MW de capacidade instalada em duas subestações conversoras. Com previsão de geração de 15,4 mil empregos diretos, as obras deverão ser entregues no final de 2019.

SHANDONG ELETRIC POWER CONSTRUCTION CORPORATION

A empresa Ouro Negro Energia planeja construir, em parceria com a chinesa Shandong Eletric Power Construction Corporation (SEPCO1), no município de Pedras Altas (RS), uma termelétrica a carvão com capacidade instalada de 600 MW. A estimativa total do investimento é de aproximadamente US$ 1 bilhão.

O empreendimento já foi aprovado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel), mas ainda precisa obter autorização ambiental para que possa participar do "leilão A-5", a ser realizado pelo governo ainda em 2016. Estima-se que a construção do empreendimento poderá gerar aproximadamente quatro mil empregos, e a operação, cerca de 500 vagas diretas. De acordo com matérias veiculadas na imprensa, cerca de 80% do projeto será financiado pelo China Development Bank.



FINANCEIRO

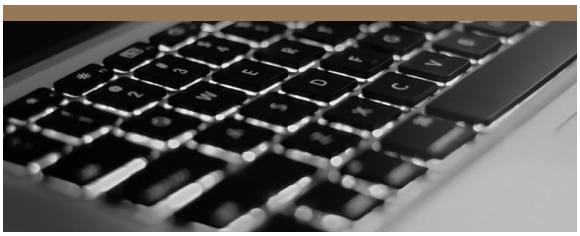
BANK OF COMMUNICATIONS

Em maio de 2015, acionistas integrantes do grupo controlador do banco BBM e o Bank of Communications assinaram um contrato de compra e venda de ações, através do qual a instituição chinesa adquiriu 80% das ações de emissão do banco brasileiro.

CHINA COMMUNICATIONS CONSTRUCTION COMPANY (CCCC)

A China Communications Construction Company (CCCC), o Banco Modal e a australiana Macquarie Capital assinaram uma parceria estratégia através da criação de um fundo que prevê investimentos iniciais de R$ 500 milhões em infraestrutura e logística na América Latina, incluindo o Brasil. Sob o nome de

MDC, a *joint-venture* inicialmente focará em obras ligadas à construção de portos, rodovias e ferrovias.



INFORMÁTICA

QIHOO

A empresa chinesa de *softwares* de segurança Qihoo 360 realizou no ano passado sua entrada no mercado nacional por meio de um investimento na brasileira Psafe. A empresa de segurança e performance digital, recebeu, em 2015, aporte de US$ 21 milhões da Qihoo 360. Além da chinesa, o *round* de investimentos contou com fundos menores de outros investidores, totalizando US$ 30 milhões. Além de proporcionar uma expansão das atividades da Psafe no Brasil, esse investimento permitirá a internacionalização imediata da empresa brasileira, com a estruturação das operações na América Latina, além de sinalizar o interesse da Qihoo 360 no crescente mercado latino-americano de *softwares* de segurança.

MAQUINÁRIO E EQUIPAMENTO

SHACMAN

A Shacman anunciou a criação de uma *joint venture* entre a Metro-Shacman, representante brasileira e importadora, e o Grupo Shaanxi Automobile, que detém o controle da marca chinesa, para dar continuidade ao seu projeto de fabricar caminhões no Brasil. O novo acordo assinado no fim de janeiro de 2015 prevê um investimento de US$ 100 milhões para a instalação da linha de montagem em Tatuí, no interior de São Paulo. A *joint venture*, denominada Shacman do Brasil, contará com terreno próprio da Metro-Shacman de 54.000 m^2 em Tatuí, dos quais 12.000 m^2 são de área construída.

LIUGONG MACHINERY

A multinacional chinesa LiuGong Machinery inaugurou, em março de 2016, sua primeira fábrica no Brasil, na cidade de Mogi Guaçu, região de Campinas (SP), para a produção de escavadeiras hidráulicas, pás carregadeiras, retroescavadeiras, motoniveladoras e rolos compactadores. Na ocasião, a empresa anunciou um investimento de R$ 120 milhões para os próximos três anos, refletindo as expectativas de evolução dos negócios no País. Operando no Brasil desde 2007, esta é a quarta fábrica da LiuGong fora da China.

Investimentos chineses no Brasil (2014-2015)[15]

2014					
Empresa Origem	**Empresa Destino**	**Setor**	**Grau de efetivação**	**Estado(s)**	**Valor (US$ milhares)**
COFCO	Nidera	Agronegócio	Confirmado	RS, PR, MT, SC, SP, MG, GO, BA e DF	Não informado
COFCO	Noble Agri	Agronegócio	Confirmado	BA, MT, MG, SP e PR	Não informado
Tide Group	Prentiss Química	Agronegócio	Confirmado	PR	Não informado
BYD	-	Automotivo	Confirmado	SP	85.106
China Automotive Systems	-	Automotivo	Confirmado	SP	3.000
State Grid	Parceira: Eletrobras - Furnas e Eletronorte	Energia	Confirmado	PA, TO, GO e MG	1.063.830
China Three Gorges	EDP	Energia	Confirmado	MT / PA	382.596
China Three Gorges	EDP	Energia	Confirmado	AM / PA	178.979
Sany	-	Maquinário e Equipamento	Anunciado	SP	300.000
Huawei	Parceria: CPQD	Eletrônicos	Confirmado	SP	Não informado
Baidu	Estabelecimento escritório	Informática	Confirmado	SP	8.511
Baidu	Peixe Urbano	Informática	Confirmado	RJ	Não informado
Raisecom	-	Eletrônicos	Anunciado	SP	2.979
Haitong	Banco Espírito Santo Investimento (Besi)	Financeiro	Confirmado	SP	Não informado
Midea	-	Eletrodomésticos	Anunciado	AM	2.128
ZTT	Parceiro: Solverde	Eletrônicos	Confirmado	AL	8.511

2015					
Empresa Origem	**Empresa Destino**	**Setor**	**Grau de efetivação**	**Estado(s)**	**Valor (US$ milhares)**
Chery	-	Automotivo	Anunciado	SP	100.000
Chery	-	Automotivo	Anunciado	SP	700.000
State Grid	-	Energia	Confirmado	PA, TO, GO, MG e RJ	2.095.808
China Three Gorges	Triunfo Participações e Investimentos	Energia	Confirmado	GO, SC	290.419
Zotye	TAC Motors	Automotivo	Confirmado	CE	56.886
Metro-Shacman	Grupo Shaanxi Automobile	Automotivo	Anunciado	SP	100.000
China Three Gorges	EDP Renováveis	Energia Renovável	Confirmado	RS, SC e RN	100.000
Qihoo 360	Psafe	Informática	Confirmado	RJ	21.000
HNA	Azul Linhas Aéreas Brasileiras	Aviação	Confirmado	SP	450.000
China Three Gorges	CESP	Energia	Confirmado	SP	4.230.539
BYD	-	Energia Renovável	Confirmado	SP	44.910
Bank of Communications - BoCom	BBM	Financeiro	Confirmado	BA	157.186
China Communications Construction Company (CCCC)	Banco Modal	Financeiro	Confirmado	RJ	Não informado
ChemChina	Pirelli	Automotivo	Confirmado	SP, RS, BA	Não informado
Xiaomi	-	Eletrônicos	Confirmado	SP	Não informado
LiuGong Machinery	-	Maquinário e Equipamento	Anunciado	SP	35.928
Shandong Eletric Power Construction Corporation	Ouro Negro Energia	Energia	Anunciado	RS	1.000.000

Valor total em 2014 (US$ milhares)	**2.035.638**
Valor total em 2015 (US$ milhares)	**9.382.677**
Soma de 2014 e 2015 (US$ milhares)	**11.418.315**

Elaboração: CEBC

15 Os valores para os anos de 2014 e 2015 foram calculados com base na taxa de câmbio média para os respectivos anos.

SOBRE O CEBC

QUEM SOMOS

Fundado em 2004, o Conselho Empresarial Brasil-China é uma instituição bilateral sem fins lucrativos formada por duas seções independentes, uma no Brasil e outra na China, e dedicada à promoção do diálogo entre empresas dos dois países.

O CEBC concentra sua atuação nos temas estruturais do relacionamento bilateral sino-brasileiro, com o objetivo de aperfeiçoar o ambiente de comércio e investimento entre os países.

As seções do CEBC têm autonomia completa e pautam sua atuação de acordo com os interesses de seus associados, mantendo intensa cooperação para o fomento do comércio e de investimentos mútuos. A seção chinesa, sediada em Pequim, tem suas atividades coordenadas e supervisionadas pelo Ministério do Comércio da China (MOFCOM) e integra a estrutura do Conselho para Promoção de Investimento Internacional da China (CCIIP).

O CEBC foi, em 2015, reconhecido oficialmente, no Plano de Ação Conjunta assinado entre o Brasil e a China, como o principal interlocutor dos governos na promoção das relações empresariais entre os dois países.

cebc@cebc.org.br
+55 21 3212-4350

WWW.CEBC.ORG.BR

DIRETORIA SEÇÃO BRASILEIRA

PRESIDENTE

EMBAIXADOR LUIZ AUGUSTO DE CASTRO NEVES

PRESIDENTE EMÉRITO

EMBAIXADOR SERGIO AMARAL

VICE-PRESIDENTES

MARCIO SENNE DE MORAES
Diretor de Relações Externas da Vale

MARCOS SAWAYA JANK
Vice Presidente de Assuntos Corporativos e Desenvolvimento de Negócios, BRF Ásia-Pacifico

OCTAVIO DE BARROS
Economista-chefe do Bradesco

DIRETORES

NELSON SALGADO
Vice-Presidente de Estratégia e Relações Institucionais da Embraer

PEDRO FREITAS
Sócio do Veirano Advogados

ROBERTO MILANI
Vice-Presidente da Comexport

ROBERTO DIAS
Consultor da Odebrecht

RENATO LULIA JACOB
CEO do Itaú BBA International

SECRETÁRIO EXECUTIVO

ROBERTO FENDT

DIRETORA DE ECONOMIA

FABIANA D'ATRI
Economista Coordenadora do Departamento de Pesquisas e Estudos Econômicos do Bradesco

INVESTIMENTOS CHINESES NO BRASIL
2014-2015

REALIZAÇÃO:

CONSELHO EMPRESARIAL BRASIL-CHINA
中国-巴西企业家委员会

APOIO:

中国贸促会驻巴西代表处
CCPIT Representative Office in Brazil